

13 JAN 1988
Div. 13 JAN 1988
Ext.

O Brasil, como de resto qualquer país, mesmo os mais ricos, não tem como isolar-se. O mundo de hoje, reduzido a uma aldeia global, exige intercâmbio entre os povos, sobretudo nas relações comerciais.

Envolvido por uma dívida externa ao redor dos 120 bilhões de dólares, o País é parte integrante de um processo mundial onde muitos são os devedores ante uma pequena parcela de nações credoras. Deve, portanto negociar sua dívida, rolar vencimentos e enfrentar juros e taxas, embora tudo tenha de fazer no sentido de encontrar soluções mais suaves. Enfim, procurar a redução do serviço da dívida a um mínimo aceitável, pelos credores.

Outro ponto fundamental na questão do endividamento é o recurso do Fundo Monetário Nacional, entidade que o Brasil integra desde sua criação. Cotista como todos os países que constituem o FMI, o Brasil goza do direito de recorrer à instituição sempre que necessário para os seus interesses, conforme disposição atual do ministro Mailson da Nóbrega, que esbarra na

concepção do PMDB, contrário ao Fundo num comportamento que vai além da racionalidade. Argumentam suas lideranças que não se pode submeter a um figurino que no passado já trouxe aos brasileiros recessão e arrocho salarial.

Ora, falar em arrocho de salário num País como este, em que o piso mínimo é pouco superior aos quarenta dólares mensais, não passa de contra-senso. E em regime recessivo a economia nacional já está, segundo dados sobre o desemprego e a diminuição das atividades produtivas.

Na presente conjuntura, desfavorável e de perspectivas sombrias, o Brasil precisa valer-se de todos os recursos: FMI, rolagem da dívida, abertura de novos mercados e, sobretudo, trabalhar em três turnos de oito horas. Tem de usar a imaginação e trabalhar muito, 24 horas por dia, sete dias por semana. Só assim haverá possibilidade de sair da crise e construir uma vida melhor para os brasileiros de hoje e de amanhã.